

## COVID-19<sup>1</sup>

Meg Saiara Silva Ribeiro de Macedo<sup>2</sup>

Tento estar bem mesmo no crepúsculo  
de tantas almas  
De um certo modo tento fugir do  
Pensamento das 114 mil histórias  
que se findaram  
Findaram pela incompetência de um  
governo genocida  
Findaram porque homens e mulheres  
Sedentos de carne assassinam suas presas  
Findaram porque o lucro vale mais  
do que vidas  
Findaram porque vivemos no limiar  
da ferida doída e aberta da miserável  
Alma humana  
Somos urubus salivando e sobrevoando  
sob a carniça  
Nós fedemos abutres do capital  
Almas perdidas sanguinárias  
Corruptas e amedrontadas  
Matamos nosso vizinho  
para sobreviver  
Corpos podres necrosados  
Exalando pus  
O convite da covid-19  
é só o iceberg do inferno  
O anúncio de que o humano  
Espuma pela necropolítica  
Segue persegue a morte  
Como um ideal nefasto

---

<sup>1</sup> Este poema está sendo submetido ao dossiê: "Nossas Vivências, Experiências, Transcendências e Traumas na Pandemia do Covid-19".

<sup>2</sup> Mestranda em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa.

## 23 DE MAIO<sup>3</sup>

Meg Saiara Silva Ribeiro de Macedo<sup>4</sup>

23 de maio de 2021, mais de 400 mil mortes. Mais de 400 mil mortes. Evito os números. Evito os gráficos. Evito meus próprios fantasmas. Um dia pensei que a minha melhor roupa fosse a armadura. Ela passou a ser extensão do meu corpo, de mim. Mas essa armadura pesa mais do que liberta. É como a síndrome de Estocolmo. A solidão segue sendo meu esconderijo. Mais uma vez evito os números. Ao desviar-me da covid-19 esbarro com meus medos mais infantis. Passo meses confinada. Confinada não somente fisicamente, mas aprisionada a tudo o que fez estilhaçar a minha alma. Encontrei-me em um local que ao mesmo tempo que me conforta, amedronta-me. A minha história nada bonita descortina-se sempre que me distraio: os fantasmas, os algozes, as correntes, as opressões, as humilhações, os maus tratos, os chicotes, os gritos, a infância, a juventude, os julgamentos, os mais diversos monstros que teimavam em confrontar-me. A fuga sempre me pareceu a melhor saída. Não há para onde fugir. Entre paredes. Paisagem íntima. Minha vida se mostra, me dilacera, deixa-me moída, desguarnecida. Todas as dores pulsam: sexismo, machismo, misoginia, lesbofobia, lgtbifobia, racismo, classismo, como se eu tivesse entrado sem desejo em um trem fantasma. Parque dos horrores. As rejeições. As risadas. As violências. Fizeram-me forte e fraca. Mas não há espaço para os vermes. Meu corpo não irá putrefazer. Ele renasce a cada golpe e nessa parede branca despejo toda tinta. Quando a pandemia findar afrontarei esses desenhos e direi que as dores são arte.

---

<sup>3</sup> Este poema está sendo submetido ao dossiê: "Nossas Vivências, Experiências, Transcendências e Traumas na Pandemia do Covid-19".

<sup>4</sup> Mestranda em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa.